

TRABALHO

Oferta reduzida de emprego leva brasileiros a atuarem por conta própria para se sustentar. Eles já são 161 mil trabalhadores

O salto dos autônomos

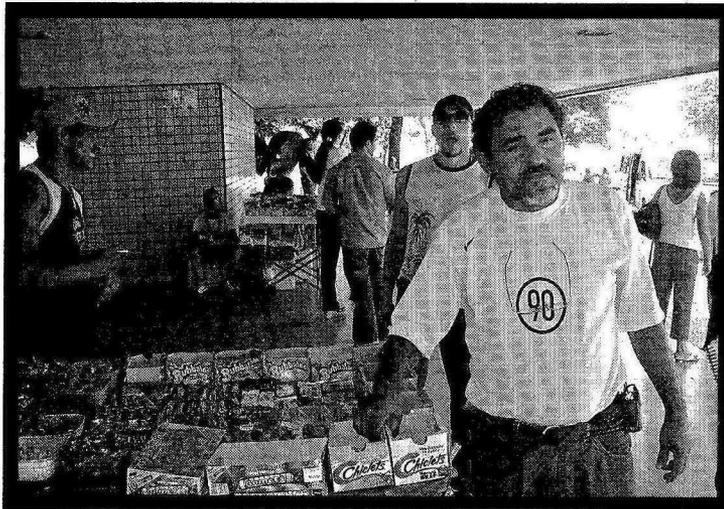
MARIANA FLORES

DA EQUIPE DO CORREIO

Sem conseguir absorver os 36 mil brasileiros que, em média, passam a buscar emprego todos os anos, o mercado de trabalho da capital federal empurra os trabalhadores para se virarem por conta própria. O número de autônomos quase dobrou nos últimos 15 anos. Em 1992 eram 87,4 mil pessoas. No fim de 2006 passaram para 161,1 mil. Um salto de 84% contra um aumento de 69% registrado na População Economicamente Ativa (PEA), segundo levantamento feito para o Correio pelo Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), com dados da Pesquisa de Emprego e Desemprego (PED). O crescimento dos que trabalham por conta própria está diretamente ligado ao desemprego, segundo Antônio Ibarra, coordenador da PED e autor do estudo. "A maior parte dessas pessoas está tentando se virar porque ficou desempregada", conclui.

A maioria desses trabalhadores, na sua opinião, abandonaria a vida sem padrão para ter uma renda fixa. Mais pela garantia do salário no fim do mês do que pelo valor recebido. Pelos dados da pesquisa, quem trabalha sozinho ganha, em média, R\$ 532 por mês, contra R\$ 691 dos assalariados, formais e informais. Nos últimos anos houve uma valorização do trabalho do autônomo em relação ao restante dos trabalhadores

Adauto Cruz/CB



VENDEDOR DE BALAS HÁ SETE ANOS, LEONARDO SOBRAL TIRA R\$ 600 POR MÊS

do setor privado. Em 1992, o rendimento deles equivalia a 88% da média paga por empresas particulares. No ano passado, a diferença caiu para 76%. "Eles não ganham tão abaixo do valor pago aos assalariados. Para algumas pessoas está valendo a pena ser autônomo e não ter um chefe para controlar", analisa Ibarra.

Trabalhar sozinho vale a pena, na opinião do sapateiro Raimundo Marques, apesar da insegurança. Elas vão do medo da violência à falta de garantia do rendimento no fim do mês. Mas até agora o saldo tem sido positivo nos dois casos. Por mês, ele tira cerca de R\$ 1,5 mil consertando sapatos; acima da média dos assalariados. "Trabalhei seis anos como funcionário de uma sapataria, pedi demissão e já estou há

10 anos trabalhando sozinho. É muito bom você não ter chefe, mas eu acabo trabalhando mais do que se fosse empregado. Estou ganhando mais também, mas o problema é que tem semanas em que ganho bem e outras não", conta, aos 55 anos.

Apesar de gostarem do que faz, a idéia de trabalhar por conta própria na maioria das vezes surge por necessidade e não por vocação ao empreendedorismo, destaca o economista Carlos Alberto Ramos, professor do Departamento de Economia da Universidade de Brasília (UnB). "Isso é a manifestação de que o mercado de trabalho está ruim. Não está relacionado a uma vontade de ser empreendedor, é porque não têm o que fazer. Se aumentassem os empregos formais essas pes-

SEM DIREITOS

O Dieese considera autônomo toda pessoa que trabalha exclusivamente sozinho, sem a ajuda de funcionários ou que não está ligada a nenhuma empresa, atuando como terceirizada, por exemplo. Ao mesmo tempo em que o autônomo tem a vantagem de poder fazer o próprio horário de trabalho e não ter um chefe, sai perdendo por não ter acesso a direitos trabalhistas, como férias, 13º salário e aposentadoria. (MF)

soas prefeririam muito mais ser assalariados".

A banca de balas do vendedor Leonardo de Sobral surgiu após passar algum tempo desempregado. Há sete anos perdeu a esperança de conseguir um emprego com carteira assinada e buscou uma alternativa para garantir o sustento de sua casa, em Samambaia. Hoje, com os R\$ 600 que tira todos os meses vendendo na Galeria dos Estados, ajuda a mulher, funcionária pública, a pagar as contas, entre elas as mensalidades da faculdade dos três filhos. "Hoje não procuro mais emprego. Mas se procurasse também não encontraria, já tenho 50 anos, é muito difícil. Quero que meus filhos façam concurso público, para ter uma garantia maior", afirma.